

96º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO, 91º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E 40º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR E EVOCAÇÃO DO CENTENÁRIO DA GRANDE GUERRA
CEMGFA - GENERAL ARTUR PINA MONTEIRO - 08.11.2014

SENHORA SECRETÁRIA DE ESTADO ADJUNTA E DA DEFESA NACIONAL

A presença de Vossa Excelência é entendida como um gesto de apoio institucional a todos os combatentes de Portugal, de ontem e de hoje, transmitindo o sentido de responsabilidade de que devemos manter perene na memória coletiva o exemplo de quem dedica a sua Vida à Pátria.

SENHOR PROFESSOR DOUTOR MARCELO REBELO DE SOUSA

Ilustre membro do Conselho de Estado

SENHOR TENENTE-GENERAL CHEFE DA CASA MILITAR DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

SENHOR VICE-ALMIRANTE VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA;

SENHOR TENENTE-GENERAL VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA FORÇA AÉREA;

SENHOR TENENTE-GENERAL VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO;

SENHOR PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, MEU GENERAL

Presidir a esta cerimónia é uma honra e um privilégio que muito me orgulha para além do campo institucional, expressando por isso o meu reconhecimento pela oportunidade de poder beneficiar, mais uma vez, do contato estreito com a Liga dos Combatentes, ciente da responsabilidade que advém da conjugação de celebrar aniversários com a evocação do exemplo dos que nos antecederam.

SENHORES DIRETORES-GERAIS DO MDN;

SENHORES OFICIAIS GERAIS,

SENHORES ADIDOS DE DEFESA

CAROS CAMARADAS COMBATENTES,

MINHAS SENHORAS E SENHORES,

Relembrar e evocar momentos tão significativos para a história recente de Portugal, como sejam a Grande Guerra e a Guerra do Ultramar, não é um estigma de cristalização no tempo, mas sim, um gesto de continuada cultura de honra, reconhecimento e de identidade nacional.

Hoje, como já foi referido, estamos a celebrar o 96.º aniversário do armistício da grande guerra, o 91.º aniversário da Liga dos Combatentes, o 40.º aniversário do fim da guerra do ultramar e ainda a evocação do centenário da grande guerra.

Ao assinalarmos, estes eventos, que marcaram para sempre a nossa história coletiva, neste espaço de profundo significado para todos nós, estamos numa primeira instância a afirmar que as guerras, sendo uma criação do Homem, são concretizadas por homens e mulheres que sem regatearem esforços, colocam ao serviço de um ideal coletivo o que de mais sagrado existe, a Vida.

Todavia, as circunstâncias em que a Grande Guerra e a Guerra de Ultramar ocorreram foram diferentes. Ambas mobilizaram um País em torno de ideais, contudo o impacto na vida dos cidadãos que envergaram o uniforme das forças armadas portuguesas, foi distinto, mas igualmente marcante, para a evolução da nossa existência coletiva como Nação.

Na Grande Guerra os cidadãos que foram mobilizados para a frente de África e da Europa sofreram de forma direta e profunda as circunstâncias difíceis que o País atravessava, cujos motivos estão mais que identificados e datados, num contexto de que resultou uma preparação inadequada e um reequipamento de material e de sustentação logística muito deficientes e desajustado à realidade do conflito que grassava na Europa.

Contudo fruto das características mais profundas do ser português, com um espírito de sacrifício e uma tenacidade ímpares, os militares envolvidos na Grande Guerra conseguiram a vários milhares de quilómetros da terra natal, em condições difíceis nas trincheiras da Flandres e nos espaços inóspitos em Angola e Moçambique, dar o seu melhor, honrar o País e defender a ideia de Pátria. E foi com este ideal de Pátria que muitos milhares de portugueses, à custa do supremo sacrifício inerente ao espírito de soldado, que no cumprimento do dever, tombaram nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial para que outros pudessem viver.

Hoje fala-se muito do conceito de Resiliência associado à capacidade de resistência no tempo. É inquestionável, quando cem anos depois evocamos a Primeira Guerra Mundial, que os combatentes nela envolvidos foram exemplos máximos de Resiliência invulgar, para além dos limites e que nos tempos em que vivemos merece a nossa reflexão.

E essa reflexão passa por relembrar que foi no rescaldo do fim da grande guerra e de forma a dar resposta às graves carências sociais dos ex-combatentes que surge a Liga dos Combatentes. Esta instituição que caminha a passos largos para um século de existência, casa de amparo e espaço de conforto dos Combatentes de Portugal, está enraizada no País e é exemplar na dimensão social mas também na expressão pública do significado de ser soldado de Portugal e por Portugal

Senhor Presidente da Liga dos Combatentes, Meu General

O trabalho da Liga tem sido exemplar e neste espaço gostaria de relevar aquelas ações que me parecem mais significativas para ilustrar este empenho em prol dos Combatentes, da dignificação da sua memória, bem como, no continuado trabalho de divulgação, especialmente junto dos jovens, das matérias relacionadas com a Defesa da Nação:

É justo enaltecer o trabalho persistente da Liga em várias domínios permitindo-me sublinhar:

- A Dignificação das campas e ossários dos militares portugueses, que tombaram no cumprimento da missão, quer no território nacional, quer no estrangeiro;
- A Rede de Apoio Social e Psicológico aos Combatentes;
- A preservação do Museu do Combatente.

A dinâmica da Liga deve-se em muito ao seu Presidente, com a sua liderança forte, participada e imaginativa, face aos constrangimentos que todos sentimos e conhecemos.

Relembramos, igualmente, o fim da Guerra do Ultramar. Conflito que está ainda bem presente e do qual ainda são bem visíveis as consequências em milhares dos nossos Combatentes. Um conflito que perdurou entre 1961 e 1974, em três teatros de operações bem complexos. Milhares de jovens, a milhares de quilómetros de distância do conforto e aconchego das suas casas e famílias, sem, uma vez mais, terem regateado esforços e muitas vezes com o sacrifício da própria vida, deram tudo em nome de uma Nação, numa guerra que tendo durado tempo demais, foi necessário o “Espírito de Soldado” para lhe por fim.

Esta resiliência, dedicação e entrega ao serviço da Pátria aviva o nosso sentido de responsabilidade. Desde logo porque transportamos no presente, o dever de transmitir para o futuro, o exemplo dos que nos antecederam na construção e defesa do nosso desígnio coletivo como Nação. Mas também, enquanto decisores, pelo desenvolvimento das adequadas condições que garantam o efetivo reconhecimento do Estado pelos sacrifícios dos Combatentes, em prol da nossa sociedade colectiva.

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES, COMBATENTES,

Os Combatentes de hoje estão empenhados em Missões com características bem distintas daquelas que ocorreram durante a Grande Guerra e a Guerra do Ultramar. Mas fazem-no com os mesmos valores e o mesmo “Espírito de Soldado” ao serviço de Portugal. O espírito, a entrega, a tenacidade e a resiliência mantêm-se presentes no dia-a-dia dos homens e mulheres que envergando os uniformes da Marinha, do Exército e da Força Aérea, em teatros de operações do Afeganistão, Kosovo, Bálticos, Mediterrâneo, Somália e Mali, dão o seu melhor para que Portugal continue a ser reconhecido como ator credível na cena internacional. Hoje como ontem, somos Soldados de Portugal.

Ontem, como hoje, assumimos conscientemente, especiais deveres e restrições que são inerentes à Condição Militar. E é esta especificidade de Condição Militar que caracteriza Mulheres e Homens que de forma desprendida e voluntária, continuarão a envergarem um uniforme e a assumir na plenitude as consequências de tal opção. É esta especificidade de Condição Militar que deve ser entendida, assumida e garantida como valor do Estado.

COMBATENTES DE ONTEM, DE HOJE E DE SEMPRE

Estou convicto que sabendo honrar os valores do nossa passado histórico que continuam a nortear o espírito de soldado, saberemos, com a tenacidade e a vontade que nos caracteriza, perpetuar a memória de todos os que nos legaram a Pátria que somos, em prol da continuidade desta Nação, herdada a que queremos continuar a chamar Portugal, e para tal, por ela lutaremos até ao fim, se alguma vez vier a estar ameaçada.

Disse

Estado-Maior-General das Forças Armadas, 8 de novembro de 2014

O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas

Artur Pina Monteiro
General